

## Mapeamento dos estudos sobre lésbicas: um olhar para a produção escrita de professoras lésbicas

Mapping of lesbian studies: a look at the written production of lesbian teachers

Mapeo de estudios lésbicos: una mirada a la producción escrita de maestras lesbianas

Submetido: 20/08/2021 | Aceito: 18/11/2021 | Publicado: 18/12/2021

**Jaqueline de Souza Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1190-5385>

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

E-mail: [beulisjack@gmail.com](mailto:beulisjack@gmail.com)

**Zuleide Paiva da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9395-3561>

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

[eidepaivasilva@gmail.com](mailto:eidepaivasilva@gmail.com)

### Resumo

Desde uma perspectiva feminista, este estudo é um investimento intelectual e político de ruptura da invisibilidade lésbica. De caráter quanti-qualitativo tem o propósito de mapear produção intelectual sobre lésbicas observando quem escreve e o que é escrito sobre professoras lésbicas. Também é propósito de estudo mapear a produção intelectual de professoras lésbicas. Para tanto, assume a cartografia como método, a pesquisa bibliográfica e bibliométrica como dispositivo. As fontes do estudo são o *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, *Nuvem Sapatão* e *Catálogo de Lésbicas que Pesquisam*. O resultado é um mapa em aberto que aponta a invisibilidade da professora lésbica e da sua produção intelectual.

**Palavras-chave:** Lésbica; lesbianidade; professora lésbica.

### Abstract

From a feminist perspective, this study is an intellectual and political investment of breaking lesbian invisibility. Of a quantitative-qualitative character, it is intended to map intellectual production about lesbians by observing who writes and what is written about lesbian teachers. It is also the purpose of study to map the intellectual production of lesbian teachers. For this, it assumes cartography as a method, bibliographic and bibliometric research as a device. The sources of the study are the Catalogue of Theses and Dissertations of CAPES, Sapatão Cloud and Catalog of Lesbians who Research. The result is an open map that points out the invisibility of the lesbian teacher and her intellectual production.

**Keywords:** Lesbian; lesbianity; lesbian teacher.

### Resumen

Desde una perspectiva feminista, este estudio es una inversión intelectual y política para romper la invisibilidad lésbica. De carácter cuantitativo-cualitativo, se pretende mapear la producción intelectual sobre las lesbianas observando quién escribe y qué se escribe sobre las maestras lesbianas. También es el propósito del estudio mapear la producción intelectual de las maestras lesbianas. Para ello, asume la cartografía como método, la investigación bibliográfica y bibliométrica como dispositivo. Las fuentes del estudio son el Catálogo de Tesis y Disertaciones de CAPES, Sapatão Cloud y Catálogo de Lesbianas que Investigan. El resultado es un mapa abierto que señala la invisibilidad de la profesora lesbiana y su producción intelectual.

**Palabras clave:** Lesbiana; lesbianidad; profesora lesbiana

## 1. Introdução

Atualmente nos meios sociais e acadêmicos acontece com muita efervescência a discussão sobre lugar de fala. Quem tem autoridade e legitimidade para falar de determinado assunto? Que vozes importam e devem ser ouvidas? Quem pode escrever e publicar sobre determinados temas? O feminismo como uma teoria contra hegemônica reconhece que todo saber científico é localizado (Donna

HARAWAY<sup>1</sup>,1995); não existe imparcialidade já que toda ação, o ato de falar e escrever é carregado por concepções ideológicas e visões de mundo decorrentes de nossas bagagens sociais e culturais. O saber é localizado justamente porque nosso lugar social influencia nosso olhar para o mundo. É isso que Djamila Ribeiro (2017) aponta quando diz que não há autoridade de fala, que homens brancos podem falar de racismo e machismo pela ótica de um lugar. Ribeiro ressalta que há conteúdo político na interrupção de vozes hegemônicas para visibilizar vozes silenciadas historicamente. É fato que ao longo da história o androcentrismo da ciência tem negado aos povos subalternizados o direito a fala. Do mesmo modo, sua forma de ver o mundo tem sido negada em detrimento do reconhecimento de uma visão hegemônica, masculina cisheterossexual<sup>2</sup>, branca e ocidental.

É, portanto, na contramão do androcentrismo científico que se dá essa pesquisa, realizada por uma professora bissexual em formação, sob orientação de uma professora lésbica, entendendo que as identidades são posicionais e políticas (HALL, 1999). Ressalto que já me vi e me entendi como mulher lésbica. Entendo que as questões lésbicas e as questões de mulheres bissexuais se diferem em suas singularidades, porém se encontram e se assemelham em muitas pautas. Contudo, sendo a bissexualidade uma identidade que precisa com urgência ser pautada e reivindicada, me proponho nesse texto a falar do lugar de mulher, bissexual, discente do curso de licenciatura em história, próxima e parceira das lésbicas. Busco assim fortalecer o *continuum lésbico* (Adrienne RICH, 2010), isto é, fortalecer a rede de afetos com e entre mulheres. Meu desafio político é rasgar a cortina de fumaça que nega a existência lésbica e a existência da mulher bissexual como produtora de conhecimento.

Assim posicionada, ressalto que este estudo é desdobramento do projeto de Iniciação Científica (IC), intitulado *Cartografia inicial da produção de comunicações escritas de autoras lésbicas publicadas nos periódicos eletrônicos Periodicus e Caderno de Gênero e Diversidade no período de 2014 a 2018*, financiado pela Fapesb em 2018. Como bolsista de IC, fiz um mapeamento de comportamentos e citações dos textos das autoras lésbicas publicadas nos referidos periódicos. Dessa experiência surgiu o desejo de pensar a lesbianidade docente, já que 12 das 25 autoras lésbicas estudadas são identificadas como professoras, com predominância no ensino superior. Com esse desejo, algumas questões nos inquietam: Quem escreve, de onde escreve e o que é escrito sobre lésbicas nos programas de pós-graduação? Quem são as professoras lésbicas que recusam a invisibilidade? Sobre o que escrevem as professoras lésbicas?

---

<sup>1</sup> Em conformidade com a política de visibilidade da autoria feminina adota no campo dos estudos feministas, assumimos como prática a inclusão, **na primeira entrada de citação ou paráfrase de cada autora**, o prenome completo.

<sup>2</sup> Termos usado para se referir a pessoas heterossexuais com conformidade de gênero e sexo.

Em busca de respostas possíveis para essas questões, este estudo tem o propósito de mapear a produção intelectual sobre lésbicas e a produção intelectual de professoras lésbicas. Vale ressaltar que este estudo foi financiado, em 2019, pelo Programa Afirmativa da UNEB, que abrange apenas estudantes de graduação matriculados pelas vagas do sistema de cotas, sendo essa pesquisa realizada por uma cotista na modalidade de cotas raciais. Cabe ainda salientar que este estudo é vinculado ao Grupo de Pesquisa FEL Formação, Experiência e Linguagem (Cnpq) e ao GLEIGS - Grupo de leituras e Estudos Interdisciplinares de Gênero e Sexualidade do campus XIV- UNEB.

A invisibilidade lésbica, apreendida como expressão da lesbofobia, uma violência contra as lésbicas em função do gênero e da sexualidade não heterossexual, por si justifica esse estudo. Sendo o espaço escolar um lugar de construção de conhecimento, mas também reproduzidor das opressões sociais, é de interesse saber como se dão as vivências de professoras lésbicas e como a lesbianidade se reflete em suas atuações em sala de aula e na construção de uma educação libertária. Dessa forma, esse estudo busca contribuir para a compreensão da lesbianidade como um ato de resistência (Cheryl CLARKE, 1990), ampliando os olhares sobre o ser lésbica em várias esferas da vida social.

Cabe salientar que pandemia causada pelo vírus Covid-19 afetou profundamente a realização deste estudo. Muitas foram as dificuldades enfrentadas para a conclusão do mesmo, sobretudo desgaste psicológico e outros adoecimentos. Para concluí-lo foi preciso muita superação e muito compromisso.

## **2. Horizonte teórico**

A poetisa Safo, que viveu na ilha grega de Lesbos, no século 6 a.C, foi primeira lésbica retratada na história ocidental (Tania Navarro SWAIN, 2001). Há indícios que Safo inaugurou na ilha de Lesbos a primeira escola só para mulheres, em um contexto de desvalorização do saber e educação feminina. De acordo com Swain (2001), os escritos da poetisa sobre o amor entre mulheres foram queimados por volta de 380 a.C, mais ou menos na mesma época em que o Imperador Teodósio do Império Romano decretou a homossexualidade como passível de morte, e igualmente queimados no Império do Ocidente no início do cristianismo.

Swain (2001) afirma que o que a história não conta não existiu, ou seja, o que não é evidenciado pelas produções historiográficas é tido como irreal e esquecido no tempo. Assim, a história oficial é disseminada como verdade em função dos interesses de um grupo, legitimando o sexo masculino como superior ao feminino e a heterossexualidade como única forma legítima e natural de se viver a sexualidade humana (Monique WITTIG, 2020). Esse processo de apagamento é uma das facetas da lesbofobia, entendida por Camila Liebgott e Raquel Weiss (2020) como um tipo de opressão específica

vivida por mulheres lésbicas, conformada tanto pelo machismo, quanto pela homofobia. De acordo com as autoras, o machismo, por um lado, inferioriza o feminino e coloca a mulher em condição de subordinação em relação ao homem, e a homofobia, por outro lado, trata a homossexualidade como amoral desviante em relação a um padrão heterossexual. Sendo assim a lésbica é colocada em um lugar de inferioridade em relação ao homem, em função do gênero, e enfrenta violências específicas em função da sexualidade dissidente.

Contribuindo com os estudos sobre a homossexualidade, na perspectiva de visibilizar as lésbicas, em 1987, Luiz Mott publica a consagrada obra ‘O lesbianismo no Brasil’, onde o autor historiciza a presença lésbica no Brasil desde a chegada dos portugueses à Terra de Santa Cruz, ressaltando o espanto dos colonizadores diante das Çacoimbegaira, mulheres Tupinambás que se relacionavam sexualmente e afetivamente com outras mulheres, cujas práticas foram interpretadas pelos portugueses como masculinas. Na mesma obra, o autor faz um levantamento de registros inquisitoriais do período colonial e imperial no Brasil, mostrando a existência de práticas homossexuais e homoafetivas, denominadas na época como pecado de sodomia. A perseguição e a penalização das mulheres que ousaram amar suas iguais e enfrentar as leis cristãs demonstram que a lesbianidade é existente desde tempos remotos. Ao apresentar a existência de mulheres lésbicas nas três etnias presentes na formação do povo brasileiro, o autor nega a ideia da prática homossexual como um vício burguês europeu. A célebre obra também aponta casos de lésbicas vivenciados na década de 1980, o que evidencia que com o passar dos anos a intolerância e preconceito contra as lésbicas não se extinguiu.

O livro de Mott é a primeira fonte bibliográfica a evidenciar a lesbianidade de uma professora na Bahia. O autor se refere a Margot Piva, professora da Universidade Federal da Bahia, doutora em Matemática, crítica cinematográfica da revista Sappho de Londres, falecida precocemente em 1984. De acordo com o autor, esta professora teria a vida mais longa e mais alegre se não tivesse sofrido a repressão por sua condição sexual. Margot também é citada na tese ‘Sapatão não é bagunça’ (Zuleide SILVA, 2016), onde a autora destaca a participação de Margot Piva na criação do GLH-Grupo Libertário Homossexual, a primeira organização lésbica da Bahia, criada em 1979, e da sua articulação para aproximar o GLH do grupo Brasil-Mulher, composto por feministas heterossexuais, em um contexto onde as lésbicas eram pouco toleradas e não tinham suas pautas reconhecidas pelas feministas heterossexuais e nem pelos movimentos de esquerda do período. Tendo Mott e Silva como referências, podemos então afirmar que, na Bahia, Margot Piva foi a primeira professora lésbica visível e registrada em uma produção científica, sugerindo seu protagonismo no movimento lésbico e demais movimentos feministas organizados nos anos 80.

Mas o que seria a lésbica que procuramos evidenciar? Quais elementos constroem a lesbianidade como identidade social? Apenas o sexo entre mulheres é definidor da lesbianidade? Silva (2016) ressalta que uma lésbica não pode ser pensada como uma essência biológica pré-determinada anterior à história, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais, sexuais, raciais e étnicas, pelas práticas disciplinadoras e pelos saberes/poderes instituídos. Na mesma perspectiva, Patrícia Daniela Maciel (2014) faz uma interpretação da lesbianidade não como uma identidade fixa e essencializadora, mas como uma construção social e cultural, uma das formas de viver o gênero. Grupos formados por lésbicas tendem a se apropriar de símbolos sociais para se identificarem e criarem um estilo de vida entre si, com isso, o que geralmente é intitulado de estereótipos (corte de cabelo, estilo de roupa, certos comportamentos) podem ser reinterpretados como elementos culturais de um grupo social específico, que influencia e é influenciado também por elementos externos.

Sendo a lesbianidade uma identidade construída socialmente, não há apenas uma definição ou forma única de compreendê-la. Porém, um termo polêmico que atravessa a ideia de lesbianidade é a noção de "lésbica política" se referindo, muitas vezes, à mulheres heterossexuais que se declaram lésbicas.

Vejo isso entre muitas alunas minhas com práticas heterossexuais que, depois de fazerem os cursos de gênero e lerem Monique Wittig, em situações de embate político se auto reconhecem enquanto lésbicas, e dizem: “me reconhecer enquanto lésbica publicamente em um espaço heterocentrado é me colocar em uma posição de marginalidade, em uma posição de abjeção e, portanto, provocar o interlocutor e a interlocutora a rever o que pensa de uma sujeita e a analisar o que está por trás dessa categoria lésbica (GROSSI, 2018, p. 88).

Ao se declarar pertencente à categoria subalternizada, categoria lésbica, há um enfrentamento através do discurso de um ideal de mulher que só tem valor se estiver de forma econômica e afetiva ligada à presença de um homem. Negar essa presença como uma necessidade da mulher é ir de encontro a toda uma lógica que estrutura a sociedade patriarcal.

Silva (2016), argumentando que o termo “lésbica” é polissêmico, apresenta a noção de “lésbica política” produzida pela lésbica feminista Sheila Jeffreys (1996), que usa o termo para a valorização e a politização do feminismo lesbiano, assumindo lésbica política como lésbica feminista. Aparentemente a autora vem nomear de sapatão o que Jeffreys intitula de lésbica política.

Me tornei lésbica amando e sendo sexualmente amada por mulheres, descobrindo, em cada beijo na boca, em cada abraço, em cada gozo, as delícias do amor entre iguais. Mas só me tornei sapatão na militância política, no alargamento da minha consciência lésbica, me tornando um ser político, consciente do meu lugar no mundo (SILVA, 2016, p. 3).

Com isso, podemos entender que uma das definições de lésbica política é aquela que assume tal categoria como bandeira de luta política e social. Conforme Clarke (1990), uma lesbiana, mesmo aquela no armário, vive perigosamente no patriarcado por ter se libertado do seu amo escravagista, que seria um homem. Com isso é possível pensar que toda lesbianidade, mesmo não anunciada, produz identidade política, já que uma lésbica precisa estar em luta social constante para garantir sua sobrevivência em uma sociedade machista e lesbofóbica. Clarke também ressalta que as lésbicas se encontram em todos os lugares, embora muitas vezes de forma invisível.

Rich (2010), reconhecendo a existência lésbica ao longo da história, cria o conceito *continuum lésbico* evidenciando um contínuo de experiências afetivas e amorosas entre mulheres, a exemplo da amamentação da menina no peito de sua mãe, as relações de amizade das jovens na adolescência, e outras amizades que são substituídas pelos romances heterossexuais introduzidos nas mentes das jovens desde cedo. A heterossexualidade obrigatória para Rich é um sistema político a serviço do patriarcado que garante o controle dos homens sobre as mulheres. Sendo assim, a identidade lésbica, mesmo permeada de opressões é uma forma de se libertar da dominação masculina.

Wittig (2010), aprofundando a noção de heterossexualidade obrigatória produzida por Rich, afirma que esta é um regime que garante o direito dos homens ao intelecto e ao corpo das mulheres, entendendo assim a ideia de mulher como uma sujeita construída para estar a serviço dos homens, e tendo lésbicas como não mulheres, por escaparem desse regime.

Pensando com as autoras aqui citadas, entendemos a lesbianidade como uma das facetas da sexualidade feminina, como também identidade de um grupo social que a tem como um elo e característica em comum, formando um sentimento de comunidade, ao mesmo tempo que em um contexto machista e patriarcal. Nessa perspectiva, lesbianidade é uma categoria de luta política, que pode servir de válvula de escape da dominação masculina, que coloca as sujeitas lésbicas a mercê de diversas violências simbólicas, psicológicas, materiais e físicas, dentre outras. Como já foi dito, as lésbicas estão em todos os lugares e evidenciar essa presença é esgaçar a cortina de fumaça que insiste em negar essa existência.

### **3. Horizonte metodológico**

O estudo assume a cartografia como método, a pesquisa bibliográfica e a bibliometria como procedimento metodológico. Essa escolha leva em conta que a produção científica como objeto de estudo “reflete os produtos da ciência, medidos pela contagem dos trabalhos e pelos tipos de documentos (livros, artigos, publicações científicas, relatórios, etc)” (MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 137).

Vale ressaltar que Cartografia como o método não é uma competência, mas uma performance desenvolvida como uma política cognitiva do/a cartógrafo/a (PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana, 2009), da qual se espera a construção de referências que orientem os movimentos sociais, o poder público e academia quanto ao trato das lesbianidades e suas intersecções no combate ao racismo, ao sexismo e a lesbofobia. Nessa perspectiva, a cartografia é um método no qual a análise é a um só tempo o exercício de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades. Assim o método cartográfico mantém resistência aos regimes de normalidades e reconhece a necessidade de uma epistemologia do abjeto baseada na interseccionalidade das categorias. Também vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica é aqui apreendida pelas lentes de Gil (2002), que a concebe como procedimento de pesquisa que se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto. Por sua vez, a bibliometria é apreendida pelas lentes de Figueiredo (1998, p.79) que a concebe como “[...] análise estatística dos processos de comunicação escrita, tratamento quantitativo (matemático e estatístico) das propriedades e do comportamento da informação registrada” (FIGUEIREDO, 1998, p.79).

Para produção de dados foram usadas três fontes, a saber: a) Banco de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); b) Nuvem Sapatão, uma biblioteca online sobre Lesbianidades, Feminismos e Gênero; c) Catálogo Lésbicas que pesquisam, uma plataforma virtual que reúne informações sobre pesquisadoras lésbicas e suas pesquisas.

A pesquisa no Banco de Teses e Dissertações foi realizada em março de 2020 com o propósito de mapear os estudos sobre lésbicas, publicados no período de 2009 a 2019. Para tanto, foi utilizado o descritor “Lésbica” e “Sapatão”. Essa escolha se justifica como estratégia para visualizar com maior abrangência o que vem sendo trabalhado nas produções de pós-graduação sobre lesbianidade no Brasil. O total de teses e dissertações encontradas com o descritor *lésbica* foi um contingente de 117 produções, em relação ao descritor sapatão, os achados se concentram em 10 trabalhos, a junção dos resultados se deu através da organização em uma planilha no Microsoft Excel, organizada com os seguintes indicadores: Autoria, frequência de produções por ano; tipo de produção; produções por área de conhecimento; produções por localização geográfica; tipo de instituições, prevalências de instituições públicas e privada e palavras-chave mais citadas. Após preenchimento da planilha e exclusão das produções repetidas e das que não se adequaram ao período temporal definido nessa pesquisa, cheguei ao quantitativo de 110 trabalhos.

A pesquisa feita na Nuvem Sapatão foi realizada em fevereiro de 2020. Encontramos um total de 146 mulheres escritoras, que em conjunto produziram artigos, teses, dissertações e também entrevistas. Com o objetivo de identificar as autoras que são professoras, foi construída uma tabela no Software

Excel, onde as informações sobre as autoras foram armazenadas. As informações sobre o perfil de cada autora foram buscadas no Currículo Lattes das mesmas. Para autoras não brasileiras a busca foi feita nas notas de rodapé dos textos e na Wikipedia. Vale ressaltar que não foram localizados os currículos de 10 autoras, do total de 146 autoras, fato que impossibilitou identificar a atuação profissional das mesmas. Também do total de 146, quatro nomes não correspondiam a publicações próprias. Eram entrevistas ou textos de outras pessoas sobre as mesmas, com isso foram descartadas da análise. Dessa forma, foram identificadas 90 professoras com textos publicados na Nuvem Sapatão. A pesquisa no Catálogo de Lésbicas que Pesquisam, realizada em julho de 2020, foram os mesmos procedimentos realizados na Nuvem Sapatão, resultado em 221 trabalhos localizados.

#### **4. Resultados e Discussão**

Os resultados da pesquisa serão apresentados a seguir em um panorama bibliométrico, com indicadores gerais a respeito do corpus analisado.

##### **4.1 Mapeamento dos estudos sobre lésbicas no Catálogo de teses e dissertações da Capes ( 2009-2019).**

Conforme ressaltado anteriormente, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes reunimos um corpus de 110 trabalhos. Desse total, 83 são dissertações e 26 são teses. Tendo como referência prenomes femininos e masculinos reconhecidos como tais pela língua portuguesa, embora essa referência seja arbitrária (Zuleide Silva, Jaqueline Santos, Eduarda Silva, Ana Paula Moreira e Lucília Viera (2020), observamos que 90 trabalhos foram produzidos por mulheres e 20 por homens, fato que sugere tanto o protagonismo das mulheres na ciência, quanto o interesse das mulheres pelas questões de gênero e sexualidade. Inferimos que esse fato pode ser uma consequência dos ideais de masculinidade tóxica, que afastam os homens dessas discussões por conta de machismo e da homofobia que geram o medo de que sejam taxados de homossexuais.

Vale considerar que de acordo com a Unesco, as mulheres representam 28% dos pesquisadores do mundo. Cabe lembrar que as mulheres no Brasil foram impedidas de estudar desde as primeiras escolas jesuítas. Somente em 1759 as mulheres tiveram a oportunidade de estudar, porém, em salas separadas por sexo. As mulheres também não cursavam disciplinas de ensino lógico, tendo sua educação voltada aos afazeres do lar e foram incentivadas ao magistério público só para moças até conseguirem autorização para lecionar para meninos de 12-14 anos. O magistério era considerado característica feminina por supostamente serem as mulheres dotadas de ternura e predisposição ao cuidado. Também era obrigatório o celibato a essas mulheres. Assim, questiono se a professora lésbica é uma rasura aos papéis sociais dados as professoras? Importante salientar que mesmo quando a educação passou a ser entendida como

um direito universal, mulheres negras e indígenas ainda eram impedidas de ocupar o espaço educacional. Apenas em 1879, o Governo Imperial permitiu a entrada feminina na Universidade. As candidatas solteiras deveriam entregar o registro de seus pais e as casadas do marido. Porém, o número de graduandas ainda era pequeno, as mulheres sofriam as críticas da sociedade e não tinham os melhores cursos preparatórios para o ensino superior. A presença das mulheres na Universidade aumenta no século XX e nos anos 1990 as mulheres tiveram maior nível de escolaridade em relação aos homens. Segundo dados do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (2020) as professoras são maioria em todas as etapas da educação básica. Elas correspondem a 96,4% da docência na educação infantil, a 88,1% nos anos iniciais e a 66,8% anos finais do fundamental, respectivamente. No ensino médio, 57,8% do corpo docente é composto por mulheres.

Quanto à região do país com maior concentração de trabalhos, os dados apontam que o Sudeste concentra a maior número de publicações, 56 no total, seguido da região Nordeste, com 24 trabalhos, e Sul, com 19. As menores produções estão nas regiões Centro-Oeste, com 6 trabalhos, e Norte, com 5. Esses dados não surpreendem, visto que no Sudeste estão algumas das maiores universidades do país, como também os maiores investimentos em recursos de ciência e tecnologia, o que pode ser entendido como reflexo das desigualdades e estigmas que dividem estados e regiões do país. As Universidades públicas se constituem como elementos essenciais no crescimento econômico e técnico-científico nacional. É através de suas pesquisas que se pode pensar projetos que atuam no desenvolvimento regional, tanto econômico quanto social e político. Sendo o Brasil um país desigual, a presença das IES públicas foi pensada em lugares estratégicos, que colocam certas regiões em desvantagem. A região Nordeste possui 27% das IES federais, seguida da região Sudeste, com 34%. Entretanto, no Nordeste se tem em média 1,5 Universidades por estado, já no Sudeste é 4,7 essa média. Outra questão é a desigualdade dentro da própria região Nordeste, onde a Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal de Pernambuco, juntas, concentram 47% dos pesquisadores da região, como também, 47% dos programas de pós-graduação, 47% de todos os grupos de pesquisa, 48% da produção bibliográfica, 53% da produção de software com registros de patentes e 56% da produção técnica de registro de patentes de todas IES federais do Nordeste. O bom desempenho das instituições citadas não garante um bom posicionamento do Nordeste em relação a outras regiões do país, como também reflete o centralismo de investimentos nas três Universidades, deixando carente demais instituições e as demandas de determinadas microrregiões.

Os dados apontam que 100 trabalhos foram realizados em universidades públicas. Apenas 10 trabalhos foram produzidos em universidades privadas. Dentre as universidades públicas, 73 são federais e 36 estaduais, para além de um programa multidisciplinar, fato que sugere maior abertura de

determinadas questões nas instituições públicas, como também maior proximidade com movimentos sociais organizados que reivindicam visibilidade lésbica. Justamente são esses movimentos que se adentram a academia, entendendo a necessidade de ocupação desse espaço para embate político, reivindicando suas pautas, usando a produção científica como uma de suas ferramentas de luta, já que esse é também um lugar de poder quase sempre concentrado nas mãos de corpos brancos e masculinos cisheterossexuais. Vale pontuar que em nível de produção científica as Universidades Públicas se destacam e levam o nome do Brasil para o mundo. Conforme Mariluce Moura (2019), das 20 Universidades que mais publicam no país nenhuma é privada e das 100 que mais publicaram artigos no quinquênio 2014-2018, há 17 privadas e a melhor colocada é a PUC-Paraná.

Em relação à produção anual no campo da lesbianidade, há uma crescente significativa nas produções em 2019, fato que sinaliza uma maior abertura dos programas de pós graduação para a temática. Inferimos que esse dado é um reflexo da luta de movimentos organizados por visibilidade lésbica. Há também de se considerar as políticas de incentivo e inclusão no ensino superior, reparando atrasos e favorecendo pessoas que há décadas foram excluídas desses espaços. Outro aspecto que cabe ressaltar na leitura desse dado diz respeito a abertura e inclusão de temáticas voltadas para diversidade sexual nos programas de pós-graduação no Brasil.

O crescimento das produções sobre lesbianidade, que falam a partir do e sobre o universo lésbico, foi influenciado pelo surgimento de ONGs de lésbicas, através do processo afirmativo da identidade lésbica iniciado na década de 1970 e intensificado na década de 1990. Podemos afirmar, portanto, que historicamente esse incremento nos trabalhos acadêmicos sobre a lesbianidade possui nexos com a autonomização do movimento lésbico em relação ao movimento homossexual ou da identidade lésbica em relação às outras identidades políticas (Ana Cristina SANTOS; Simone SOUZA, Thaís FARIA, 2017, p. 1)

A área de conhecimento com mais trabalhos encontrados é a Psicologia com 28 trabalhos e a área da Educação, com 15 trabalhos publicados, o que aponta as ciências humanas como o principal campo para os estudos que tratam das lesbianidades, seguido das Ciências da Saúde com 11 trabalhos encontrados,

As palavras-chaves mais indicadas nos resumos das produções analisadas, sugerem a diversidade temática das produções. Os temas mais recorrentes são: maternidade lésbica, imprensa lésbica, violência entre casais de mulheres, identidades sexuais e de gênero, diversidade e educação no espaço escolar, invisibilidade lésbica, literatura lésbica, saúde sexual das mulheres lésbicas. A relevância dos temas e como eles se aplicam na realidade das mulheres lésbicas vai além dos dados apresentados, pois só uma mulher lésbica pode avaliar como as temáticas abordadas afetam seu cotidiano, se a produção dá um

retorno a sociedade, fato que reitera a necessidade de lésbicas escreverem e publicarem sobre suas questões.

Quando focamos nosso olhar para os textos publicadas no campo da Educação, logo identificamos que dentre os 13 títulos localizados nesse campo, 04 não estão disponíveis para download. Diante desse fato, apresento a seguir uma análise qualitativa dos nove disponíveis, identificados no Quadro 1.

Quadro 1. Trabalhos produzidos no Campos da Educação

Autoria	Título	Tipologia/Ano
Neil Franco	A diversidade entra na escola: história de professoras e professores que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero	Tese – 2009
Caroline Amaral	Literatura Juvenil Contemporânea LGBT: Significados Sobre Identidades de Gênero e Sexuais	Dissertação -2017
Keith Daiani da Silva Braga	Lesbianidades, performatizações de gênero e Trajetória Educacional	Tese – 2019
Francisco Ednardo Barroso Duarte	As Representações Sociais de Universitários de Sexualidade LGBT Sobre Seus Processos de Escolarização e suas Implicações em Seus Projetos de Vida	Tese – 2015
Ana Carolina Magalhães Forte	A Escola e a Educação Não Escolar: Experiências da Mulher Lésbica Afrodescendente	Dissertação – 2018
Tatiana Carvalho	Professoras Lésbicas na Educação Básica de São Paulo	Tese – 2018
Alessandro Garcia Paulino	A Visibilidade Lésbica nas Pedagogias de Cinema	Tese – 2019
Vanini Bernardes Costa de Lima	“Mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira”: a heteronormatividade na narrativa da trajetória escolar de mulheres lésbicas e bissexuais	Dissertação – 2016
Jardinélio Reis da Silva	Professor Gay e Professora Lésbica: Um estudo sobre homofobia na docência	Dissertação – 2019

Fonte: Elaboração própria

Em conjunto, esses trabalhos refletem a heteronormatividade presente nas escolas.

Os trabalhos que mais se diferem são aqueles que pensam a educação para além do espaço escolar, como por exemplo a tese de Alessandro Garcia Paulino (2019), que apresenta uma análise de produções cinematográficas brasileiras, reunindo 9 produções e em seguida faz um recorte que opta por filmes que apontam a presença de narrativas lésbicas sem que essas relações apresentassem, de alguma forma, trios amorosos heterossexuais, ou algum tipo de fetichização masculina. Outro recorte feito pelo autor se refere à presença de um protagonismo ou antagonismo lésbico nos filmes analisados. Fazendo um

trabalho técnico e teórico do uso da imagem na construção de discursos referentes a lesbianidade, o estudo reflete as pedagogias de cinema, apontando como as lésbicas são retratadas nesse meio, concluindo que há invisibilidade lésbica no cinema brasileiro e, quando visíveis, as lésbicas estão em papéis de sofrimento, como se não fosse possível outra forma de existência lésbica.

Outro trabalho que se difere dos demais é a dissertação de Caroline Amaral (2017), que tem por objetivo analisar como são produzidos e reproduzidos os significados acerca das identidades sexuais e de gênero na literatura juvenil contemporânea, usando como base teórica os estudos culturais na sua vertente pós-estruturalista, sobretudo a teoria queer. O material empírico do estudo foi composto por sete livros juvenis, um com foco na intersexualidade, três focados na homossexualidade feminina e três na homossexualidade masculina. A autora analisa a literatura juvenil e sua abertura para a temática LGBT, mostrando como personagens LGBT podem reproduzir estereótipos e como as conversões de gênero influenciam na construção desses personagens, mas que também apontam os estigmas e exclusões sociais que esses corpos são submetidos. Com isso, Amaral (2017) conclui que tais obras literárias configuram potencial educativo, ao produzirem discursos e conhecimentos pedagógicos sobre o que seria ser gay, lésbica e intersexual para as leitoras e leitores.

Outra produção que pensa a educação para fora dos muros da escola é dissertação de de Ana Carolina Magalhães Forte (2018), que foca nas experiências educacionais de mulheres lésbicas afrodescendentes que residem em Teresina-Piauí, analisando suas trajetórias escolares, como também a importância de outros agentes como movimentos sociais na educação dessas mulheres e como a escola e a educação fora dela influenciaram nas suas construções identitárias. A pesquisa trabalha numa perspectiva interseccional, fazendo o entrecruzamento dos eixos de gênero, sexualidade e raça, abordando as diferenças e as discriminações geradas através delas. A autora se propõe a pensar a diversidade focando na experiência educacional de mulheres lésbicas afrodescendentes abordando a importância do debate sobre a diferença e diversidade e sobre o silenciamento de temas que precisam ser discutidos para assim gerar a alunas e alunos uma consciência crítica.

A dissertação de Jardínelio Reis da Silva (2019) investiga as experiências de vida de professores gays assumidos e professoras lésbicas assumidas na rede municipal e estadual de escolas da cidade de Castanhal-PA, com o objetivo de perceber como é para esses corpos estarem em um ambiente heteronormativo e analisar como a homofobia interfere na relações desses/as docentes com colegas, familiares e alunos, como também se isso influencia nas suas práticas educacionais. O autor conclui que o ambiente escolar é atravessado por práticas homofóbicas e que o fato de professoras lésbicas e professores gays não se enquadrarem na norma da heterossexualidade, faz com que estes adaptem suas

aulas para tocar em assuntos de gênero e sexualidade, criando assim uma estratégia de combate às discriminações.

A tese de Neil Franco (2009) também foca na questão lésbica e gay, incluindo também questões referentes às travestis. Este estudo busca compreender e problematizar aspectos da constituição identitária de sujeitos que transitam pelas fronteiras sexuais e de gênero., investigando a histórias desses sujeitos, o lugar da profissão docente em suas vidas e como certas identidades se constituem a partir das diferentes manifestações de sexualidade e do gênero. Realizando entrevistas, questionários e análise documental, o autor conclui que as marcas do gênero e sexualidade não são desvinculadas desses sujeitos tidos como docentes transgressores. A condição docente não livra professores gays e professoras lésbicas de serem discriminados na escola e suas presenças, por si, fazem gerar a discussão da diversidade na escola.

A tese de Keith Daiani da Silva Braga (2019) foca especificamente a identidade lésbica, denunciando como no campo da educação a temática da diversidade tende a dar ênfase à experiência gay, não contemplando assim as questões relacionadas à misoginia, lesbofobia, machismo e sexismo. A pesquisa observa como as lésbicas vivenciaram questões de amizade, afetividade e sexualidade em suas trajetórias educacionais. O aporte teórico é baseado em uma perspectiva feminista e na teoria queer. Um diferencial no trabalho da autora é incluir, além de escolas e universidades, a igreja e a família como espaços educacionais. Em conclusões, Braga afirma que muitas foram as formas de resistência das mulheres entrevistadas em sua pesquisa, mas a mais recorrente foi a construção de rede de amigas, o que me remete ao conceito de continuum lésbico já apresentado aqui.

A tese de Tatiana Carvalho (2018), pensando exclusivamente a lesbianidade, se propõe a investigar com base em estudos de gênero, sexualidade e heteronormatividade, como as docentes entrevistadas lidam com o fato de serem docentes lésbicas no espaço escolar, contando quais são os medos e obstáculos das professoras. A autora conclui que as professoras lésbicas rompem a invisibilidade com uma visibilidade pedagógica na tentativa de construção de uma existência digna de docentes lésbicas dentro do espaço escolar.

A dissertação de Vanini Bernardes Costa de Lima (2016) foca mulheres lésbicas e também mulheres bissexuais problematizando a heteronormatividade presente no ambiente escolar, através da história de vida de lésbicas e mulheres bissexuais entrevistadas na pesquisa. A autora traz como base teórica Judith Butler e Joan Scott com suas contribuições no campo dos estudos de gênero, as discussões sobre análise narrativa e espaço bibliográfico de Leonor Arfuch, além das contribuições sobre performatividade e interabilidade da linguagem de Jacques Derrida<sup>3</sup>. A autora afirma que a pesquisa

---

<sup>3</sup> Para identificar as obras das autoras e autores mais citados, consultar a lista de referência do trabalho analisado.

aponta a necessidade de se trabalhar questões de gênero e sexualidade na escola para quebrar a ideia de uma única forma de se viver a sexualidade e performar o gênero, atuando assim no combate à intolerância a orientações sexuais não heterossexuais. Ela conclui afirmando que a heteronormatividade pode ser prejudicial na vivência escolar de estudantes mesmo que não estejam situadas/os fora das normas e convenções de gênero e que um debate sobre diversidade na escola pode proporcionar uma trajetória escolar menos opressiva.

A tese de Francisco Ednardo Barroso Duarte (2015) se propõe a pensar toda a comunidade LGBT focando a trajetória de jovens Universitários, desde o ensino fundamental até o ensino superior. O autor entrevistou um jovem gay, uma lésbica, uma mulher transexual e um jovem bissexual, analisando seus processos de escolarização e as implicações desses percursos em seus projetos de vida. O trabalho situa a questão LGBT em um panorama geral e em seguida foca em questões de diversidade, educação e ambiente escolar, concluindo que os sujeitos pesquisados compartilham de imagens em comuns sobre seus processos escolares e que buscam na educação um meio de empoderamento e compensação das questões enfrentadas que geram impactos em suas vidas.

A leitura dos resumos dos referidos trabalhos, nos permite afirmar que a entrevista como dispositivo de produção de dados, é usada em sete trabalhos e que a heteronormatividade e os dispositivos normalizadores de gênero e sexualidade são pontos cruciais em todos os trabalhos. Judith Butler e Michel Foucault são as referências mais citadas pelos(as) autores(as)<sup>4</sup>.

#### 4.2 Produção sobre lesbianidades disponível na Nuvem Sapatão

A Nuvem Sapatão, como ressaltado anteriormente, é uma biblioteca online sobre feminismos, lesbianidade e gênero. No início da pesquisa, acreditávamos que todas as autoras publicadas nessa nuvem fossem lésbicas. Mas, identificamos autoras heterossexuais publicadas. Logo soubemos que nunca foi propósito das organizadoras da Nuvem reunir apenas autoras lésbicas. Pouco tempo depois, foi publicada a seguinte nota no site da Nuvem: “Não sabemos se todas as autoras são lésbicas. São dados que nem sempre são fáceis de descobrir”.

Do total de 146 autoras publicadas, 90 foram identificadas como professoras. Desse total, 75 são brasileiras, e aproximadamente 15 são estrangeiras, sendo 08 dos Estados Unidos, 01 da África do Sul, 01 do México, 01 da França, 01 de Cuba 01 do Japão, mas naturalizada brasileira, 01 portuguesa e 01 autora não foi identificar a nacionalidade. 12 professoras foram identificadas como profissionais do Ensino

---

<sup>4</sup> Idem.

básico, 01 como profissional do Ensino superior e básico, 01 como professora do instituto UFC virtual de formação de professores, 01 como professora do estágio Exterior Sênior, 01 se intitula como arte-educadora autônoma.

Em conjunto, as autoras publicadas constituem a Nuvem Sapatão como um espaço rico no campo da lesbianidade. Este espaço reúne textos clássicos sobre a temática e produções menos conhecidas, não publicadas nos bancos de dados das universidades. As temáticas são diversas, e grande parte dos trabalhos usam o conceito de interseccionalidade para abordar as formas de viver a lesbianidade, as formas de resistência lésbica e a luta pela conquista de políticas públicas.

O Quadro a seguir apresenta os títulos que constituem o campo da lesbianidade:

Quadro 2. Lista de títulos publicados na Nuvem Sapatão com foco nas questões lésbicas

Autora	Título
Adianne Rich	Heterossexualidade compulsória e existência lésbica
Agyha Leticia Eugênio da Luz; Juliana Damasceno de Miranda e Aiana Hana Sarges Silva	Afeto e (Des)Humanização: a literatura negra lésbica como instrumento de luta
Leandra Sobral Oliveira e Amana Rocha Mattos	Diálogos sobre lesbianidades: uma breve incursão histórica e análise das produções recentes
Ana Carolina Castello Branco Spada e Daniela Soares Barsoumian	COLA SAPATÃO: Estratégias lésbicas de combate e resistência através da Arte
Ana Cristina C. Santos, Simone Brandão Souza e Thaís Faria	Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas
Ariane Celestino Meireles	Políticas Públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória
Bruna Andrade Irineu	Exercendo a “crítica lesbofálica” às demandas por uma “cidadania LGBT” no contexto brasileiro (2003-2016)
Camila Dias	Por uma Literatura das Ausências e das Emergências: as Afro-lésbicas na escrita de Miriam Alvez e Zula Gibi
Cheryl Clark	O Lesbianismo: um ato de resistência
Cintia Souza Carvalho, Fernanda Calderaro, Solange Jobin e Souza	O Dispositivo “Saúde de Mulheres Lésbicas”: (in)visibilidade e direitos memória social e epistemologia das ciências humanas, com ênfase sobre a utilização de aparatos audiovisuais na produção do conhecimento.
Cláudia Freitas de Oliveira	O Movimento Lésbico em Fortaleza – LAMCE: trajetória e ações de luta
Claudiana Gois Santos	Sapatão é revolução: censura, erotismo e pornografia na obra de Cassandra Rios
Claudia Regina Lahni e Daniela Auad	Feminismos e direito à comunicação: lésbicas, bissexuais e transexuais em série
Antônio Manuel Marques, João Manuel de Oliveira e Conceição Nogueira	A população lésbica em estudos da saúde: contributos para uma reflexão crítica

Daniella Conegatti e Jane Felipe	O que podem fazer duas vulvas? - Sexo feminino, gênero lésbico
Tatiana Nascimento dos Santos e Denise Botelho	Sinais de luta, sinais de triunfo: traduzindo a poesia negra lésbica de Cheryl Clarke
Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino Meireles	Aqaltune, Constância e Zacimba - diálogos com Lésbicas Negras, Masculinizadas e Pobres
Eduarda Lamanes Gomes	Entre Elas: Relações Afetivo-Sexuais entre Mulheres Negras em "Beijo na Face" e "Isaltina Campo Belo", de Conceição Evaristo
Josueida de Carvalho Souza, Danielli Gavião Mallmann, Nelson Miguel Galindo Neto, Natália Oliveira de Freitas, Eliane Maria Ribeiro de Vasconcelos, Ednaldo Cavalcante de Araújo	Promoção da saúde da mulher lésbica: cuidados de enfermagem
Lucilene Enare Pereira da Silva e Elizia Cristina Ferreira	Ativismo, arte e intimidade: a lesbianidade negro-africana nas fotografias de Zanele Muholi
Fátima Lima	DOSSIÊ Raça, Interseccionalidade e Violência Corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas
G. Almeida	Argumentos em torno da possibilidade de infecção por DST e Aids entre mulheres que se autodefinem como lésbicas
Ismênia de Oliveira Holanda	A literatura lésbica entre o virtual e o impresso
Jessica Ribeiro	A lesbianidade e a surdez
Jules Falquet	De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas
Juliana Perucchi	Reflexões sobre justiça científica e produção do conhecimento: mulheres lésbicas nos espaços de saber/poder da academia
Gilberta Santos Soares e Jussara Carneiro Costa	Movimento lésbico e Movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros
Ariana Mara da Silva e Laila Rosa	Reflexões Feministas e o Rap das Lésbicas Negras Latino-Americanas
Igor Leonardo de Santana Torres e Lilian Alves Moura de Jesus	Uma análise interseccional da morte: Luana Barbosa e a insubordinação às estruturas
Livia Golsalves Toledo e Fernando Silva Teixeira Filho	Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade
Rosana Machin e Marcia Thereza Couto	"Fazendo a escolha certa": tecnologias reprodutivas, práticas lésbicas e uso de bancos de sêmen
Maria do Socorro Meideiros	"O caminho não precisa ser solitário": fissuras e representatividade lésbica no ciberespaço
Gláucia Almeida e Maria Luiza Heilborn	Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras
Mariana Franco Pacor	Estudante mulher lésbica artista
Mariana Souza Paim	A noite tem mais luzes: considerações sobre a representação do desejo lésbico no romance de Cassandra Rios
Emely Garcia e Neusa Pressler	O Site parada lésbica enquanto mídia social
Norma Grovejo	Activismo Lésbico una propuesta de intervencion al conocimiento
Ramayana Lira	Meta(na)morfoses lésbicas em Cassandra Rios

Regina Maria Barbosa e Regina Facchini	Dossiê Saúde das Mulheres Lésbicas: Promoção da equidade e da integralidade
Sandra Regina de Souza Marcelino	Entre o racismo e a lesbofobia: relatos de ativistas negras lésbicas do Rio de Janeiro
Simone Brandão	Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade
Suane Felipe Soares	Procura-se sapatão: Histórias invisibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro
Tanya L. Saunders	Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária
Tatiana Nascimento dos Santos e Denise Botelho	Sinais de luta, sinais de triunfo: traduzindo a poesia negra lésbica de Cheryl Clarke
Vanilda Maria de Oliveira	Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás
Virgínia Maria Vasconcelos Leal	Academia, criação literária e temática lésbica: a produção de Lúcia Facco
Zethu Matebeni	All Sexed Up: a resposta de mulheres lésbicas negras jovens ao sexo (mais) seguro em Johannesburg, África do Sul
Zuleide Paiva da Silva	LBL - Liga Brasileira de Lésbicas: organização e luta política

Fonte: Elaboração própria

As autoras professoras que escrevem sobre lesbianidade presentes na Nuvem Sapatão são todas de carreira acadêmica: 20 doutoras, 10 pós-doutoras, 7 professoras universitárias, 7 mestres, 6 doutorandas, 4 mestradas e 1 PHD.

#### 4.3 Quem produz e o que é produzido sobre “Professora Lésbica” nas bases pesquisadas?

Conforme mostra o Quadro 3, a produção sobre professoras lésbicas nas bases pesquisadas é bem carente com pouquíssimos trabalhos encontrados, o que demonstra a necessidade de mais pesquisas que abranjam tal temática.

Quadro 3. Produção sobre “professora lésbica”

Autor/a	Título	Fonte
Ariane Celestino Meireles	Políticas Públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória	Nuvem Sapatão / Banco de Teses e Dissertações da Capes
Luciana Izis Silva de Abreu	Nem recatadas, nem do lar: a performatividade de professoras e outras feminilidades	Banco de Teses e Dissertações da Capes
Neil Franco Pereira Almeida	A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero	Banco de Teses e Dissertações da Capes
Tatiana Carvalho de Freitas	Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades'	Banco de Teses e Dissertações da Capes
Jardinello Reis da Silva	Professor gay e professora lésbica: um estudo sobre homofobia na docência'	Banco de Teses e Dissertações da Capes

Fonte: Elaboração própria

#### 4.4 Mapeamento do Catálogo de Pesquisadoras Lésbicas

O Catálogo de Pesquisadoras Lésbicas é uma web página que se propõe a dar visibilidade a produção escrita de lésbicas. O portal disponibiliza um formulário e convida as pesquisadoras lésbicas a registrarem seus dados, a se visibilizarem como autoras lésbicas. Com frases marcantes como “Vai, não se esconde” e “leiam lésbicas”, a iniciativa é uma ferramenta de luta pela visibilidade lésbica, com foco nas pesquisadoras lésbicas, divulgando seus textos, demarcando uma identidade política das autoras, e a subjetividade de quem escreve. A iniciativa surge da inquietação de saber onde estão as lésbicas na academia, já que esse espaço dominado por homens brancos e heterossexuais é hostil para mulheres lésbicas, negras e periféricas. A iniciativa de criação de um catálogo como esse é de uma grande potência e precisa ser ainda mais divulgada para que alcance outras mulheres lésbicas e pessoas interessadas em conhecê-las. As informações do catálogo podem ser atualizadas em qualquer tempo, já que é disponibilizado um formulário para preenchimento de dados.

A pesquisa nesse Catálogo foi realizada em junho de 2020. Os dados foram organizados em planilha do software Excel. Foram catalogadas todas as pesquisadoras até então cadastradas na intenção de descobrir quais delas seriam professoras, para isso o Currículo Lattes das autoras foi acessado. Durante a pesquisa foi observado que apesar do Catálogo ser uma potência, há fragilidades que comprometem a pesquisa, como a falta de dados completos de muitas pesquisadoras. Vale apontar que do total de 221 lésbicas registradas apenas 24 delas disponibilizaram suas produções de pesquisa.

Uma peculiaridade do catálogo é que muitas pesquisadoras são graduandas e bolsistas de Iniciação Científica, sendo as mestrandas e doutorandas minoria. Como nosso foco é a produção de professoras lésbicas, procuramos por elas no catálogo, e encontramos 15 identificadas como tal, conforme Quadro 4

Quadro 4. Professoras Lésbicas publicadas no Catálogo Lésbicas que pesquisam

Marina Chaves Azevedo de Souza	Joana Ziler	Larissa Silva Douettes
Laura Vicentin Lammerhit	Priscila Marília Martin	Giovana de Araujo Leite
Mariana Galvão Pereira	Bruna Andrade Irineu	Melissa Rocha
Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum	Claudiana Gois dos Santos	Rochelli Freitas Hugaldes
Adriane das Neves Silva	Samara Viana de Oliveira	Zuleide Paiva da Silva

Fonte: Elaboração própria

Dessas universo, apenas seis disponibilizaram seus textos no catálogo. Como essa pesquisa é voltada para a produção de professoras lésbicas, escolhemos esses textos para uma análise qualitativa.

Quadro 5 – Textos de professoras lésbicas disponibilizados

Título	Autora (ANO)
Tribadismo na prisão: apagamento e multiplicidades do cárcere em documentos oficiais que regulam os direitos humanos das lésbicas na visita íntima	Priscila Marília Martin (2015)
A construção discursiva do narcoterrorismo na América do Sul no contexto da Guerra	Laura Vicentin Lammerhit (2017)
A Bruta Flor do Querer: Amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas	Claudiana Gois dos Santos (2018)
Diário de Lesboafetos: uma escrita fotográfica de si	Samara Viana de Oliveira (2018)
Sapatão não é bagunça: estudo das organizações lésbicas da Bahia	Zuleide Paiva da Silva (2016)
O atendimento à mulher lésbica e a influência da Heteronormatividade no cuidado	Adriane das Neves Silva (2018)

Fonte: Elaboração própria

O texto “de Laura Lamnerhit (2017), é um artigo que trata da política estadunidense de Guerra ao Terror, que são as ações de combate a ameaça de terrorismo internacional que preocupa de forma constante os Estados Unidos desde o ataque as Torres Gêmeas de Nova York em setembro de 2001. O texto é de autoria coletiva com Victor Merola. A/o autor/a aborda a intervenção estadunidense na Colômbia ressaltando que o tráfico de narcóticos nesta região estaria vinculado ao terrorismo, patrocinador do narcotráfico. É analisada a construção narrativa que engloba a venda ilegal de narcóticos com o terrorismo internacional e a política intervencionista norte-americana em solo colombiano através do Plano Colômbia.

O texto de Samara Viana de Oliveira (2018) é uma dissertação, em que a autora fala de si mesma em uma escrita pessoal, e se propõe a falar de “nós”, sobre a existência social, histórica e política das lésbicas e sobre relações de afetos e desejos, como se fosse um diário, porém seguindo as normas e regras de uma escrita acadêmica. A autora reconhece a contribuição dos filósofos, antropólogos, historiadores e artistas e diz fazer uso destes nas suas citações. Porém, entendendo que as mulheres foram historicamente impedidas de estudar e ter contato com a produção do conhecimento, ressalta que prefere fazer o uso de referências femininas, como Michele Perrot, Margareth Rago, Lucia Facco, Luciana Lyra e Luna Saturnino Tvardovskas, dentre outras. A autora usa em seu texto de manuscritos e fotografias pessoais para narrar fatos e momentos de sua vida. O trabalho se insere no campo da arte, mas especificamente na

fotografia, se propondo a trazer histórias pessoais, para assim ocupar a academia e os espaços de arte com a escrita e imagens lésbicas, através de relatos íntimos a partir das experiências afetivas lesboeróticas da autora.

A dissertação de Claudiana Gois dos Santos (2018) tem por objetivo analisar as representações literárias sobre lésbicas, entendendo que a literatura pode servir para uma crítica social mas também para a disseminação de ideais de papéis de gênero, problematizando como a construção de personagens lésbicas podem ser permeadas por um viés heteronormativo, hierarquizante e que reforça estereótipos. Para tal, a autora usa como referencial teórico Monique Wittig, Adrienne Rich, Judith Butler e Michel Foucault, tendo como fonte de análise obras literárias como conto, romance e novela gráficas

O trabalho de conclusão de curso de Adriane Neves Silva (2018) faz uma análise da literatura existente sobre a saúde da mulher lésbica e identifica as lacunas existentes e as especificidades destas nesse processo, como também os efeitos da heteronormatividade que invisibiliza tais especificidades. A autora conclui que a produção existente sobre a temática e políticas públicas voltadas a essa problemática são escassas, sendo o pouco avanço que se tem uma conquista e reivindicação dos movimentos lésbicos.

A tese de Zuleide Paiva da Silva (2018), utiliza como estratégia a escrita de si para tomar os movimentos de lésbicas como objeto de estudo e as lésbicas políticas, como sujeitas da pesquisa. O propósito do estudo é cartografar as primeiras organizações lésbicas da Bahia, surgidas entre 1970 e 2003. O problema teórico e empírico está centrado na invisibilidade lésbica percebida como expressão da lesbofobia, um fenômeno social, cultural e político que exige uma soma de esforços da sociedade para a sua erradicação.

Por fim, a dissertação Priscila Marília Martins (2015), faz uma análise documental de alguns aspectos do Plano Nacional de Políticas Penitenciárias (2011), do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2013-2015), e da Resolução nº 4 de 29 de junho de 2011 do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, e da Resolução conjunta nº1 de 15 de abril de 2014 do CNPCP e do Conselho Nacional de Combate à Discriminação-LGBT, buscando apontar as problemáticas da regulamentação da visita íntima de lésbicas reclusas em penitenciárias brasileiras, apontando ainda o caráter biologizante e heteronormativo desses documentos ao se tratar dos direitos sexuais das lésbicas.

Em conjunto, os trabalhos apontam que as professoras lésbicas produzem teorias assentadas nas lutas por justiça social e por visibilidade lésbica em diferentes campos. Sugerem ainda que é de grande importância conhecer trabalhos de autoras lésbicas, considerando que as lésbicas têm muito para oferecer, que podem contribuir com a produção de conhecimento em diferentes áreas. De suma importância também é conhecer os trabalhos específicos voltados para a lesbiabilidade, já que esta temática ainda é pouco visibilizada na academia.

## 5. Considerações finais

Este estudo é um mapa aberto, e como tal é inconcluso. Nossa experiência no campo da educação sugere que o compromisso ético da Universidade para com a sociedade está presente no ensino, na pesquisa e na extensão. Mas, em relação ao ensino esse compromisso social é por muitas vezes negligenciado, como pode ser observado nas ementas curriculares dos cursos. Entendemos que a realidade da sala de aula exige do professor e da professora sensibilidade e conhecimento de questões sociais para lidar com situações de racismo, machismo, homofobia e outros tipos de preconceito na sala de aula. Os cursos de formação de professores precisam estar atentos na formação de profissionais que vão lidar com adolescentes e jovens em formação. Mas, o que observamos é o andocentrismo nos cursos de formação docente. Quem nós lemos? Quem citamos em nossas salas de aula, em nossos escritos? Reconhecemos a produção de autoras lésbicas como conhecimento válido? Observamos que as autoras lésbicas citadas ao longo desse texto não estão presentes no currículo do nosso curso. Avaliamos que a invisibilidade lésbica, sobretudo a invisibilidade de autoras lésbicas na academia, refletida na produção aqui analisada, precisa ser pensada de uma forma estrutural, que não basta uma palestra ou outra nos auditórios da universidade, se a obrigatoriedade ainda é a leitura dos velhos clássicos, geralmente homens brancos e heterossexuais.

Encerramos este trabalho reconhecendo que autoras lésbicas existem e buscam meios de se fazerem visíveis, tanto em suas produções textuais, optando por temáticas que estejam próximas de sua realidade, como na construção de espaços que garantam visibilidade, como é o caso do Catálogo de Pesquisadoras Lésbicas e da Nuvem Sapatão. Porém, é preciso investimento em processos de produção e difusão do pensamento lésbico. Da mesma forma, reconhecemos que as professoras lésbicas precisam de coragem para se tornarem visíveis potencializando o campo da lesbianidade.

Por fim, ressaltamos que este estudo é investimento intelectual e político de ruptura da invisibilidade lésbica.

## Referências

CLARKE, Cheryl. “*Lesbianism: An Act of Resistance.*” The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, and Politics. Columbia University Press, 1990.

FIGUEIREDO, N. M. de. *Desenvolvimento e avaliação de coleções*. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Thesaurus, 1998.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio*. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GROSSI, Pillar O pensamento de Monique Wittig. *Revista Caderno de Gênero e Diversidade*. Salvador, v. 04, n. 02 - Abr. - Jun., p. 84-90, 2018.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p.103-133

HARAWAY, Donna. Saberes localizados. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: [http://Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial | Cadernos Pagu \(unicamp.br\)](http://Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial | Cadernos Pagu (unicamp.br)). Acesso em: 29 nov.2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em: 18 nov. 2021.

LEMOS, Ana Carla. *Construção do estado da arte sobre as lésbicas no nordeste: uma (geo)política necessária*. V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 2017.

LIEBGOTT, Camila Bonin, WEISS Raquel. Marcas de uma cultura lesbofóbica em narrativas de docentes lésbicas. *Revista Diversidade e Educação*, v. 8, n. 1, p. 284-310, Jan./Jun. 2020.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. nd, 1998. Disponível em [http:// SciELO - Brasil - O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional](http://SciELO - Brasil - O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional). Acesso em :29 nov. 2021.

MACIEL, Patrícia Daniela. *Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência*. 2014 178 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MOURA, Mariluce. Universidades Públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. *Ciência na rua*, 2019. Disponível em: [http://Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil - Ciência na Rua \(ciencianarua.net\)](http://Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil - Ciência na Rua (ciencianarua.net)). Acesso em: 29 nov. 2021.

MOTT, Luiz. *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. *Revista Bagoas*, n.5, 2010. Disponível em [http:// Heterossexualidade compulsória e existência lésbica | Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades \(ufrn.br\)](http://Heterossexualidade compulsória e existência lésbica | Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades (ufrn.br)). Acesso em: 29 nov.2021.

SANTO S, Ana Cristina; SOUZA, Simone; FARIA, Thaís. Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas. *Periódicos*, n. 7, v. 1 maio-out. 2017 p. 01-05. Disponível em [http:// Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas | Revista Periódicos \(ufba.br\)](http://Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas | Revista Periódicos (ufba.br)). Acesso em : 29 nov. 2021.

SILVA, Zuleide Paiva. *Sapatão não é bagunça*: estudo sobre as organizações lésbicas da Bahia. Tese [Doutorado em Difusão do Conhecimento], UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC, Salvador, 2016.

SILVA, Zuleide Paiva; SANTOS, Jaqueline Souza; SANTOS, Eduarda Araújo Souza; VIEIRA, Lucília Maria Lima. Cartografia da comunicação escrita de autoras lésbicas publicadas nos periódicos eletrônicos periódicos cadernos de gênero e diversidade, período de 2014 a 2018. *RevIU—Revista Informação & Universidade*, v.2, n.1 2020. Disponível em [WITTIG, Monique. \*El pensamiento heterosexual y otros ensayos\*. 2. ed. Barcelona: Egales, 2010.](http://<u>Cartografia da Comunicação escrita de autoras lésbicas publicadas nos periódicos eletrônicos Periodicus e Cadernos de Gênero e Diversidade, período de 2014 a 2018 | RevIU. Revista Informação & Universidade (febab.org.br)</u></a>. Acesso em: 29 nov. 2021.</p></div><div data-bbox=)